

TEXTURAS PSÍQUICAS, ESPAÇO POTENCIAL E A ESCRITA EM TRAVESSIA: ALGUMAS NOTAS PARA PENSAR OS FLUXOS DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

PSYCHIC TEXTURES, POTENTIAL SPACE AND THE WRITING
IN CROSSING: SOME ASPECTS TO REFLECT ON THE
STREAMS OF CONTEMPORARY PSYCHOANALYSIS

Renata Lisboa¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo debruçar-se sobre as relações entre as texturas psíquicas que aparecem nas expressões do sujeito e o espaço potencial winnicottiano, o qual faz expandir uma escrita em travessia, com base no conceito de experiência concebido por Winnicott. O que se imprime numa escrita da experiência vivida na dimensão clínica e compreendida à luz da dinâmica de uma travessia, consigo e com o outro, da noção de paradoxo, interessa a autora como possibilidade de formular novas perguntas e de propor novas tessituras a partir desse entrelaçamento da ilusão, das texturas psíquicas e do sonhar, com o que o mundo tem a oferecer e com o que pode tomar forma na realidade compartilhada, transformando-se num escrito, considerando os fluxos da psicanálise contemporânea.

Palavras-chave: Texturas psíquicas. Espaço potencial. Escrita em travessia. Experiência.

Abstract: This paper aims to dwell into the relations between the psychic textures that appear in the expressions of the subject and the potential space by Winnicott which leads to expand a writing in crossing, based on the concept of experience conceived by Winnicott. What is imprinted in a writing of the experience lived in the clinical dimension and understood in the light of the dynamic of a crossing, by oneself and with the other, of the notion of paradox, interests the author as the possibility to formulate new questions and to propose new ranges from that interplay of illusion, psychic textures and dreaming of what the world has to offer and that can take shape in shared reality, becoming a writing, considering the streams of contemporary psychoanalysis.

Keywords: *Psychic textures. Potential space. Writing in crossing. Experience.*

Seria a vida uma concentração de texturas? Ou expansão? Seriam os sujeitos o efeito e a dinâmica paradoxal dessa concentração, que também é expansão? Como pensar a constituição psíquica do sujeito à luz dessas perspectivas?

¹ Psicanalista. Mestre em Psicologia Social e Institucional - UFRGS. Doutora em Letras - PUCRS. Pós-Doutoranda do PPG em Psicanálise: Clínica e Cultura - UFRGS. Membro do LAPPAP - Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política - UFRGS. Coordenadora do Seminário de Escrita em Psicanálise - Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Coordenadora do Grupo de Estudos de Winnicott: a clínica, o pensamento e a técnica - Instituto Wilfred Bion. E-mail: relisboa7@hotmail.com

Escrever abre um espaço para fazermos novas perguntas, outros questionamentos. A escrita vem, em geral, acompanhada da possibilidade de fazer circular um pensamento e também uma emoção. Esse pequeno texto traz consigo algumas breves perguntas e algumas emoções, que se abrem e que pretendem movimentar reflexões, com o objetivo de operar uma certa transmissão. Tais reflexões se fundam em pontos da experiência clínica e de pensamento da analista que se ancoram num determinado tempo. Mas qual tempo?

Gostaria de colocar acento no tempo da metamorfose, que é sempre tempo da experiência, tempo kairológico, que é tempo do acontecimento. Esse tempo do acontecimento, que é sempre instigante, porque é misterioso, inspira e tem como referência, neste texto, o tempo da travessia rosiana, por exemplo, especialmente na obra *Grande sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Num interessante diálogo entre Riobaldo e Diadorim, em que ele narra ao Doutor, o protagonista nos brinda com esse belo trecho:

Diadorim, e quando cuidava aqui sozinho estivesse, cantarolava, fio que com boa voz. Mas, próximo da gente, nunca que ele queria. A ver que também fiquei sabendo que os outros não consideravam naqueles versos de Siruiz a beleza que eu achava. Nem de Diadorim, mesmo. — “Você tem saudade de seu tempo de menino Riobaldo?” — ele me perguntou, quando eu estava explicando o que era o meu sentir².

O que carregamos dentro de nós, não sabemos ao certo. Explicar o que é o sentir configura-se como uma atividade difícil, porque é dotada de sofisticação, porque é complexo esse exercício de tentar dizer, tentar se fazer entender, mas nunca conseguir dizer tudo. Essa afirmação se justifica, visto que essa tentativa de acessar aquilo que se sente não é algo dado, tampouco simples, mas sim, construído; é talvez uma das nuances mais importantes, protagonizadas tanto por quem tem a coragem de fazer a travessia de um percurso analítico, como por quem testemunha esse processo desde a posição de uma escuta, que no meu modo de ver, é sempre uma escuta da experiência. Essa reflexão me possibilitou lembrar de um texto do ensaísta e poeta mexicano Octavio Paz, ao discorrer sobre o que é poesia, considerando a ideia da dificuldade e da complexidade que consiste em explicar o que sentimos:

Os jovens leem versos para melhor expressar ou para conhecer seus sentimentos, como se só no poema as nebulosas, pressentidas feições do amor, do heroísmo ou da sensualidade pudessem ser vistas com nitidez. Cada leitor procura alguma coisa no poema. E não é nada estranho que a encontre: já a tinha dentro de si³.

Como podemos nos fazer entender sobre aquilo que se passa conosco? Como podemos encontrar aquilo que procuramos?

A literatura e a poesia situam um fluxo, o correr das águas psíquicas, essa imbricação do dizível e do indizível. Nesse diálogo com a psicanálise, uma textura emerge. O rio que corre dentro de nós se atualiza na transferência com a/o analista, porém, tal atualização também acontece na leitura de um poema, de um romance, de um texto épico, no encontro com uma obra de arte, ou seja, trata-se da transicionalidade, que “[...] abre campo ao processo de tornar-se capaz de aceitar diferença e similaridade”⁴. A textura que emerge, com um matiz psíquico espesso, possibilita refletir sobre a manifestação de um espaço, baseado em combinações de tons, os quais, definem uma dada superfície, um plano,

que não é nem dentro, nem tampouco fora. Essa manifestação vai ampliando, por diferença e similitude, o que sentimos e como vemos o mundo. Isso é vivido no espaço potencial, uma área intermediária da experiência que tanto separa quanto aproxima e que permite que o tempo da criação e o tempo da experiência tenham lugar e ganhem forma e sentido. Segundo Winnicott:

Minha reivindicação é a de que, se existe necessidade desse enunciado duplo, há também a de um triplo: a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externas separadas, ainda que inter-relacionadas⁵.

No campo da escrita, dessa área transicional, não há disputa, porque há diversidade e liberdade de criação. Existe uma aquarela de cores e de possibilidades. A matéria dos sonhos não escapa para a vida de vigília⁶.

Aqui, então, cabe a pergunta: para onde a psicanálise se desloca e se deixa movimentar em tempos contemporâneos? Tarefa difícil de responder e, por isso, instiga tanto. Sem a pretensão de encontrar a resposta, mas sim de percorrer a travessia, eu me pergunto se um desses fluxos não consistiria nesse exercício de escuta da experiência a partir das narrativas das pessoas e dos pontos de silêncio que desaguam no *setting* sob forma de uma necessidade de presença, de um modo de estar junto muito particular e de viver a construção genuína de uma experiência de intimidade. A conflitiva edípica sempre se coloca, pois também é constitutiva do sujeito. Além disso, é fato que a *Era Vitoriana* acabou e as demandas e questões a respeito da psicosexualidade mudaram. Se antes havia um excesso de moralidade, hoje vivemos a escassez das virtudes e um esgarçamento do tecido simbólico. É fato que as mulheres conquistaram muitas coisas, assim como a população LGBT queer. Justamente por isso, compreende-se e pensa-se mais em transidentidades do que em transexualidades.

Observo, nas analisandas e nos analisandos, questões de ordem ontológica, relativas ao Ser, ao existir, ao medo da finitude, da solidão, ao risco de suicídio, à impossibilidade de se mostrar frágil e vulnerável, ao relato das dores, as quais não puderam ser simbolizadas, às experiências de abandono precoce que se refletiram na precariedade da construção de um espaço potencial, o qual possibilitaria, nessas histórias, esse refluir dos encontros que são disparadores de emoções, de experiências e de novas imagens, propulsores da condição de sonhar, da busca de experiências psíquicas enriquecedoras e, de certa forma, protetoras para enfrentar os microabismos cotidianos, os quais se caracterizam por zonas de congelamento, “[...]com um risco profundo de desabar em um mundo violento”⁷ que nos despedaçaria. Não estaríamos, então, na posição de analistas, sendo convocados e convidados a atravessar o deserto junto com as pessoas que nos procuram? A percorrer ao seu lado as pegadas de um enigma que ora se relança em direção à pergunta: onde estão as suas experiências psíquicas, de que forma elas aparecem, mesmo que seja pelo seu caráter de pré-existência ou de não-lugar?

A condição lírica do sujeito sofre ataques constantes por parte de um macrossistema financeiro que determina, por exemplo, que os bens materiais são mais importantes que as relações de trabalho, situação que temos visto num

número grande de demissões realizado por empresas que priorizam o lucro e as terceirizações, sem considerar a repercussão disso na vida das pessoas, das suas famílias e do que elas sentem. Em tempos sombrios e de águas turvas - tempos violentos - em que aquilo que nos enlaça no outro vem constantemente arrefecendo, nos vemos perdidos e assustados. Na condição de sobreviventes da *Shoah* que somos e das ditaduras inomináveis do século XX, vividas também na extensão de uma América Latina ensanguentada e sofrida, de um mundo cindido entre ricos e pobres, entre os que estão na margem e os que determinam discursivamente o que está no centro, a quebra do fraterno se consolida. Enlutados e aflitos, buscamos um caminho, uma saída, um novo ponto de partida. Assim, estamos sempre à espera, nessa condição de dor e de fratura, de um “movimento humano que nos resgate”⁸, de um movimento humano que se afirme pela potência do vínculo e pela necessidade da criação de uma condição em que a partilha e o fraterno apareçam.

Há pouco tempo tomei contato com o trabalho do psicanalista Tales Ab’Saber, a partir do seu livro, fruto da sua tese de doutoramento na USP, intitulado “O sonhar restaurado”⁹. Ao dar sequência à leitura de um dos capítulos dessa obra, “O sonho entre nós: Winnicott”, eu me deparei com a alegria de tomar contato com uma bela expressão que ele utiliza, qual seja, ‘texturas psíquicas’. Vejamos o que ele diz:

Mas, em toda essa matéria psicanalítica, inscrita em uma tradição, há uma torção teórica muito própria a Winnicott, cujos efeitos já estão colocados na *textura* do contato clínico onde as crianças comunicam e se comunicam a si mesmas, e que produzirá sentidos posteriores próprios: “Seu sintoma é, na verdade, um reconhecimento da maldade e lhe dá a possibilidade de manter contato com a beleza de seu mundo encantado”. O que na forma de trabalhar kleiniana dos mecanismos que operam as posições básicas ao funcionamento psíquico humano é mantido conceitualmente separado, em um movimento que busca síntese na posição depressiva, já em Winnicott aparece como dupla face, dialetizada, de um ponto de contato comum e necessário que unifica fantasias, espaços e *texturas psíquicas*: o reconhecimento do mal é a possibilidade da existência do mundo encantado interno, a comunicação de tais texturas alucinadas, no ritmo, na forma e na intensidade própria à criança, instaura o espaço de sua possível unificação, e superação, no *setting* analítico¹⁰. (grifos meus).

É dessa torção que penso ser importante partir para propor algumas notas a respeito dos fluxos da psicanálise contemporânea e para onde eles correm. Nessa maré enchente, a psicanálise, como clínica e como crítica da cultura, tem uma responsabilidade: seguir fazendo as perguntas, dando continuidade à transmissão de uma herança e, por que não dizer, à manutenção de uma tradição, considerando a história do movimento psicanalítico. Contudo, ao mesmo tempo, também assume o compromisso de torcer o que já é conhecido, precisa subverter a forma, dando lugar ao que se expande e flui, aos movimentos, ao que se apresenta como novo, levando em conta os avanços da vida, do curso dos acontecimentos, das metamorfoses e das expressões subjetivas que acompanham tudo isso. O que se passa, especificamente no *setting* com o par analítico e com essa *textura do contato clínico* como efeito movente desse encontro me interessa sobremaneira, porque desejo compreender melhor tanto as dinâmicas que se engendram e produzem novos modos de transferência, quanto

essas texturas psíquicas que se expressam e instauram outros espaços psíquicos e, por conseguinte, outras experiências que transformam e potencializam o sonhar e o escrever.

Ainda sobre Tales Ab'Saber, o seu pensamento e a sua clínica têm sido uma experiência luminosa, uma espécie de abajur. Utilizo essa palavra porque ela significa, segundo o Dicionário Priberam, aquilo que *faz incidir a luz num outro plano*. Gosto dessa imagem, porque me faz pensar em algo delicado, suave, aconchegante, íntimo e indispensável, mas também, algo que *quebra a intensidade*. A lucidez parece ter importância porque coloca em causa esse intervalo, trazendo à cena um pouco de suavidade e descanso, para que o pensamento possa surgir. Ab'Saber se apresenta como um dos psicanalistas mais lúcidos, consistentes e criativos da atualidade no meu ponto de vista. Ele reúne com vigor e rigor a qualidade e profundidade de um pensamento, somado à riqueza e vitalidade de uma prática, a prática da psicanálise, que se mostra profundamente necessária aos problemas da cultura contemporâneos, como método, como teoria e como espaço de crítica e de reflexão. Dá continuidade ao pensamento de Winnicott ao possibilitar o contato com “a densa dimensão do que é o trabalho criativo no interior de uma tradição”¹¹.

Em se tratando dessa densidade que dialoga com as texturas psíquicas, e com a importância do trabalho criativo no interior de uma tradição, introduzo com mais verticalidade a noção da escrita em travessia, como sendo a escrita de uma experiência que se abre aos riscos e aos perigos. Aliás, o conceito de experiência, do ponto de vista etimológico, a *Ehrfarung*, significa ‘travessia de um perigo’. Mas qual seria o perigo? Tem-se aí outro afluente desse rio que corre, desse navegar pelas margens do mar da vida: o perigo de viver. Parafraseando Riobaldo: “Viver é muito perigoso. – Por quê?

Porque aprender a viver é que é viver mesmo”.

A capacidade de sonhar gravita em torno desse perigo que é viver, dos riscos sempre em causa, em virtude da fragilidade do humano frente ao tempo da existência, do traumático e da própria vida. Somos frágeis, somos vulneráveis, ao mesmo tempo em que vivemos nessa condição de laço. Não podemos escapar disso. É inexorável. Possivelmente, um dos desafios da psicanálise e dos analistas em seu ofício na clínica e na crítica que tecem à cultura, diz respeito a sustentar, no discurso e na presença, uma modalidade de escuta que valorize nossa precariedade enquanto sujeitos, considerando um tempo desmentido em que vivemos, em que o caldo da cultura prioriza o autoengano, a vida falsa de super-heróis e de mulheres-maravilha que tentam camuflar sua vulnerabilidade e sua necessidade de dependência.

Entendo a escrita em travessia como sendo esse modo de expressão singular que transmite a experiência, no caso, a experiência da escuta clínica, que faz orbitar a dimensão imprevisível e não-sabida da existência. Uma escrita que fala dos riscos, das marcas psíquicas, das belezas, dos prazeres, assim como, das dores e do desamparo; uma escrita que fala da desafiante solidão a dois, da tristeza do abandono, do luto e do que realmente se passa com cada um de nós no âmago de nossa intimidade. Partindo do que o psicanalista inglês e biógrafo de Winnicott, Adam Philipps pontua, penso ser pertinente elucidar o que ele destaca sobre a solidão a dois. Vejamos o que ele diz:

Seguimos uma curiosa solidão à *deux*, chamada de situação analítica. E nesse cenário descobrimos, por várias vezes seguidas, que o paciente de-

fronta com o risco de ter de cuidar de si mesmo. De fato, um dos propósitos da análise será revelar a natureza completa do risco¹².

Coloco acento nessa natureza completa do risco, tanto do encontro com o outro quanto com a solidão, desse desafio que se caracteriza por cuidar de si mesmo, por seu caráter de incerteza, de inesperado e de assombro em que se inscreve o viver. O risco de estar na presença do outro, o risco de acessar um plano de intensidades que é propulsor das metamorfoses, mas também, e, necessariamente, da ordem das castrações e da morte, seja ela física ou psíquica. Nessa aposta, sempre difícil e custosa, a capacidade de sonhar emerge, entre o que vemos e o que sentimos. Há aí uma linha tênue, um espaço psíquico, transicional, impreciso e por isso tão fundamental à constituição do sujeito e que desponta como um fluxo interessante a se percorrer. Com o objetivo de desdobrar o argumento, trago um poema de Fernando Pessoa:

Entre a árvore e o vê-la
 Onde está o sonho?
 Que arco da ponte mais vela
 Deus?...E eu fico tristonho
 Por não saber se a curva da ponte
 É a curva do horizonte...
 [...]
 Deus é um grande Intervalo,
 Mas entre o quê e quê?...
 Entre o que digo e o que calo
 Existo? Quem é que me vê?¹³

O poema explicita a perspectiva do espaço potencial e mostra um fluxo, esse dos intervalos, do que está entre o sonho e o ver, entre o que digo e o que calo. A psicanálise tem muitas direções. Ela se expande, alargando a nossa possibilidade de alcançarmos novas experiências. A poesia, como gênero literário, acena à psicanálise um outro mundo, o da dimensão sensível da vida e da travessia do sujeito em direção ao que é mais lírico, mais profundo, mais genuíno. Conforme destaca Leyla Perrone-Moisés, “ao substituir um real visto por uma imagem dita, o poeta afina nossa percepção do real, revela o que não víamos antes, eleva diante de nossos olhos mentais um outro mundo, que concorre com o visível e o suplanta...”.¹⁴

Esse suplantar do mundo visível dialoga de forma íntima com o inconsciente e com os processos de subjetivação do sujeito orquestrados pela cultura. Parecemos nos encontrar num registro da luta pelo viver. O deserto nos assola, instala-se, mas o vento, ao movimentar a areia, nos faz recordar que tudo isso pode se transformar em substância do nosso sonhar. Essa condição traumática que nos acossa também pode ser ponte, lugar de transformação, utopia.

O olhar das poetisas, dos poetas, das psicanalistas e dos psicanalistas parecem se encontrar nesse cruzamento que afina nossa sensibilidade fazendo circular as águas da vida e dos sonhos. Nem sempre se tem garantia, porque se trata de risco e de finitude, mas é a aposta que faz a eletricidade do coração se

propagar, é a tensão disponível enquanto carga, enquanto economia e enquanto potência criativa que surge como germe, como possibilidade de contágio e de proliferação de novos laços.

Por fim, nesses perigos que nos assolam e assombam, gostaria de trazer um poema que se chama “Rescate” (1968), da poeta argentina Alejandra Pizarnik. Vejamos o que o sujeito lírico diz:

RESCATE

Y es siempre el jardín de lilas del outro lado del río. Si el alma pregunta si queda lejos se le responderá: del otro lado del río, no éste sino aquél¹⁵.

A Octavio Paz

O jardim de lilás pode ser essa busca incansável e inelutável a esse resgate do qual estamos sempre à espera. Pode ser a nossa dimensão do sonhar em cena, tão escassa em tempos de concretude, de agitação e de monocromos psíquicos. Pode ser a procura por aquilo que sentimos que está não aqui, senão lá, como aponta o eu-lírico, ou seja, fora de nós, na outra margem. A escrita, nesse sentido, é luta pelo viver, é busca, é enigma. Pizarnik não sobreviveu às suas dores, porque suicidou-se, mas forjou nos poemas esse espaço transicional de que tanto precisava para se segurar em si mesma e para se sentir viva. No seu rastro ficam os registros de que viver é justamente lutar, fica um ensino de como se dá esse combate entre o viver e o morrer, ou como disse a psicanalista Tânia Rivera, como fazer do luto uma rebelião. Em qual dos lados realmente estamos nesse rio da existência? Não sabemos com precisão, porque viver é impreciso e indefinível. Todavia, segundo Perrone-Moisés: “O trabalho do poeta não consiste em reproduzir o que o seu olhar captou no real, mas em produzir uma visão mais intensa”¹⁶. Nessa transicionalidade do que se expande e do que se concentra, as texturas psíquicas talvez se encontrem entre os riscos que nos definem e as metamorfoses que nos libertam. Quem sabe a psicanálise possa acompanhar a poesia e o fazer dos poetas fabricando visões mais intensas no encontro com o outro, ou, como diz Tales Ab’Saber¹⁷: cultivar “a esperança de chegar a uma forma de compreensão e um lento e difícil trabalho” de abandonar-se ao não saber!

NOTAS

² ROSA, J.G. Grande sertão: Veredas. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

³ PAZ, O. O arco e a lira. 2. Ed. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

⁴ WINNICOTT, D.W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1971. p. 19.

⁵ Ibidem, p. 15.

⁶ AB’SABER, T. O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud. 34 ed. São Paulo: 2005, p.145.

⁷ AB’SABER, 2005, p.141.

⁸ AB’SABER, 2005, p.120.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem, p.141.

¹¹ AB’SABER, 2005, p. 129.

¹² PHILLIPS, A. Sobre o risco e a solidão. In: PHILLIPS, A. Beijo, cócegas e tédio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.47.

¹³ PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p.113

¹⁴ PERRONE-MOISÉS, L. *Pensar é estar doente dos olhos*. In: *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.345.

¹⁵ PIZARNIK, A. *Rescate*. In: PIZARNIK, A. *Poesía Completa.Espanha*. 2. Ed. Barcelona: Lumen, 2016, p.229. Versão livre da autora para o português: “E é sempre o jardim de lilás do outro lado do rio. Se a alma pergunta se fica distante, se lhe responderá: do outro lado do rio, não é este, senão aquele”.

¹⁶ PERRONE-MOISÉS, 1988, p.345.

¹⁷ AB’SABER, 2005, p.116.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB’SABER, T. **O sonhar restaurado**: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud. 34 ed. São Paulo: 2005, p.145.

PAZ, O. **O arco e a lira**. 2.ed. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

PERRONE-MOISÉS, L. *Pensar é estar doente dos olhos*. In: **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.345.

PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p.113

PHILLIPS, A. *Sobre o risco e a solidão*. In: PHILLIPS, A. **Beijo, cócegas e tédio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.47.

PIZARNIK, A. *Rescate*. In: PIZARNIK, A. **Poesía Completa.Espanha**. 2. Ed. Barcelona: Lumen, 2016, p.229.

ROSA, J.G. **Grande sertão**: Veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

WINNICOTT, D.W. *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In: WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1971. p. 19.